

# o período de intenso crescimento econômico argentino de 1870 a 1930: uma discussão\*

**Maria Heloísa Lenz**

Pesquisadora da FEE e Professora Adjunta da UFRGS

## RESUMO

A economia argentina experimentou no final do século XIX um período de intenso embora não constante crescimento, a *Belle Époque*, sendo que sua periodização e caracterização consistem nos principais objetivos do presente artigo. A discussão desenvolve-se a partir de uma revisão da literatura sobre crescimento econômico na Argentina. O efetivo início da *Belle Époque* ficou situado entre o final da década de setenta e o começo da de oitenta do século XIX. A questão do seu término girou em torno de duas datas: 1914, início da Primeira Guerra Mundial — hipótese de retardação precoce; e 1929, ocasião da Grande Depressão — hipótese da retardação tardia. Como conclusão, pode-se afirmar que a economia argentina dos séculos XIX e XX não apresentou evolução linear, mas sim períodos de grande crescimento seguidos de quedas e de recuperações cada vez mais lentas, com demora crescente em recuperar os níveis previamente atingidos.

**Palavras-chave:** história econômica argentina; crescimento e crise econômica; periodização.

## ABSTRACT

The main objective of this article is to characterize and to identify the phases of the so-called *Belle Époque* period, when the Argentinian economy experienced high growth with high volatility. Reviewing the literature, the starting up of this period is situated in the neighborhood of the late 70s and early 80s of the 19th century. Some authors put its end at the beginning of the First World War, in 1914, while others prefer to put it only at the beginning of the Great Depression, in 1929. The first demarcation date is known as the early decline hypothesis, while the latter is known as the late decline hypothesis. During this period the Argentinian economy did not exhibit a stable and self-sustained growth, but instead, experienced alternate sequences of years with high growth interrupted by severe downturns and followed by increasingly slower upturns, with a longer and longer duration to catch up the latest peak.

**Key words:** argentinian economic history; growth and economic crisis; phases of argentinian economic growth.

\* Trabalho apresentado na IV Jornada de Economia Política do Capitalismo Contemporâneo da Sociedade de Economia Política (SEP) no XXIX Encontro Nacional de Economia (ANPEC), realizado em dezembro de 2001 em Salvador - Bahia. Aproveito para fazer os necessários agradecimentos: primeiramente a minha amiga Prof. Silvia Horst Campos pelas valiosas sugestões na versão original e também ao Coordenador da Mesa de América Latina, Prof. Carlos Eduardo Carvalho por suas observações, das quais algumas já incorporei nessa versão. Evidentemente, que os possíveis erros e incorreções existentes no trabalho são de minha inteira responsabilidade.

O exame da história econômica mundial e, em especial da América Latina do século XIX, faz surgir imediatamente a imagem de um período de extraordinário crescimento experimentado pela economia argentina no final do século, que teve como característica mais marcante a sua integração ao mercado internacional. O crescimento desse período, que ficou conhecido como a *Belle Époque*, foi tão intenso que a Argentina despontou como a principal protagonista dos processos de crescimento que marcaram o continente latino-americano nos séculos XIX e XX, valendo-lhe inclusive a comparação com países como os Estados Unidos e o Canadá.

Outro fato marcante foi a troca de posição relativa em termos de crescimento econômico que a Argentina e os demais países latino-americanos experimentaram a partir do último quartel do século XIX. Segundo Díaz Alejandro (1985), o relativo equilíbrio dos níveis de renda *per capita* da Argentina e de outros importantes países da América Latina na metade do século XIX foi rompido pela Argentina no final dos anos 1870, quando passou a experimentar altas taxas de crescimento, rapidamente suplantando as demais economias latino-americanas. Essa tendência só seria revertida no início do século XX.

Vários foram os questionamentos levantados sobre o processo de crescimento econômico dos países latino-americanos em geral, sendo que o mais recorrente se refere à razão pela qual esses países não conseguiram desenvolver-se do ponto de vista econômico no século XX, principalmente a Argentina pelas suas características, da mesma forma que os chamados países de colonização recente, como Estados Unidos, Austrália e Canadá, apontados como os grandes paradigmas de sucesso econômico entre os países jovens.

O objetivo deste trabalho é examinar as peculiaridades da *Belle Époque*, o período de intenso crescimento da economia argentina, com ênfase no fato de ele não ter se transformado em um processo de crescimento sustentado a partir do século XIX, e também apresentar e sistematizar a questão do debate sobre os períodos que identificam o início e o fim deste processo.

## **O crescimento econômico da Argentina no século XIX: revisando a literatura**

Em relação a trabalhos específicos sobre a economia argentina, é primeiramente necessário fazer referência à obra clássica de Díaz

Alejandro intitulada *Ensayos sobre la Historia Económica Argentina*, de 1970. Nesse trabalho, o Autor dividiu a sua análise da economia argentina em duas etapas: a anterior e a posterior a 1930. Mas, a sua principal preocupação foi tentar explicar por que a Argentina no início do século era colocada entre os países mais avançados, junto com os listados Unidos, Canadá e Austrália, tendo experimentado uma renda *per capita* elevada e um dos crescimentos mais acelerados do mundo. Assim, para ele, fazia-se necessário estudar o passado em busca de indícios sobre as dificuldades recentes e identificar quando a Argentina começou a perder sua posição relativa entre as nações mais desenvolvidas: se antes de 1930 ou depois dessa data, e quais foram as suas causas.

Em outro estudo clássico sobre a economia argentina, Ferrer (1995) definiu três etapas perfeitamente diferenciáveis no desenvolvimento econômico argentino. A primeira compreende o período entre o século XVI e final do século XVIII, e caracterizou-se pela existência de várias economias regionais de subsistência, separadas umas das outras e produzindo basicamente para o consumo interno, com baixos níveis de produtividade. A segunda abrangeu do fim do século XVIII até próximo de 1860, sendo definida como uma etapa de transição, nela surgindo tanto a atividade que iria vincular a Argentina ao mercado mundial — a produção de couros e de outros produtos ligados à criação de gado — como também o porto de Buenos Aires, promovendo a integração do País aos mercados mundiais. A terceira, da economia primário-exportadora, iniciou-se em 1870, com a incorporação da Argentina ao comércio internacional, tendo sido a mais fecunda, pois foi o período de crescimento da principal atividade que caracterizou o grande desenvolvimento argentino — exportação de carnes resfriadas, e também do desenvolvimento comercial e bancário — e só terminou com a crise de 1930. Além da expansão da atividade exportadora, essa etapa também se caracterizou pelo intenso processo imigratório, pela entrada de capital estrangeiro no País e pela consolidação do Estado nacional argentino.

Treber (1977), por outro lado, iniciou seu estudo sobre a formação histórica da Argentina a partir do século XVII, época em que a Inglaterra entendeu a importância da expansão em territórios ultramarinos como forma de receber as quantidades necessárias de matérias-primas e impulsionar a venda de sua produção industrial. O domínio dos mares pela Inglaterra levou esse país a estabelecer pontos estratégicos em todo o mundo e, assim, as inversões inglesas nas Províncias Unidas

del Rio de la Plata foram parte essencial dessa estratégia. O segundo período analisado pelo Autor, compreendido entre 1860-1880, teve como principal característica uma ampla política de colonização, buscando-se promover a expansão da exploração agrícola que até então não tinha significado econômico, tal como o trigo, e a atividade fundamental do país passou a ser a produção da lã. A instalação do primeiro frigorífico na cidade de Campana em 1882 constitui-se em um símbolo de um novo período, no qual ocorreu também o primeiro embarque de carne ovina para o Reino Unido. Apareceu ao mesmo tempo a crescente importância da expansão da produção de cereais e uma considerável corrente imigratória, vinda principalmente da Itália e Espanha. O período de 1900-14 constituiu-se na "idade de ouro da indústria frigorífica", marcado pelo investimento em novos frigoríficos, e pela entrada de novas ondas de imigrantes, novas extensões de estradas de ferro e agregação de novas terras para a produção de gado. Neste sentido, cabe também lembrar Scobie (1964), que sustentou a tese de que na Argentina, ao contrário de outros países latino-americanos, o setor latifundiário pastoril fez, durante todo o século XIX, consideráveis inversões fixas, enquanto o setor de agricultores imigrantes permaneceu basicamente na dependência de adiantamentos financeiros das casas exportadoras de cereais ou de seus representantes.

Mais recentemente surgiram novas interpretações sobre os comportamentos das economias latino-americanas e da Argentina, com abordagens diferentes das tradicionais. Em um estudo recente de concepção institucionalista<sup>1</sup>, Rosemary Thorp (1998) realizou um relato da história da América Latina, retratando a interação entre a formulação de políticas e as estruturas e instituições econômicas, sociais e políticas, buscando elucidar aspectos do desenvolvimento. Segundo ela, quando se examina a história da América Latina, aparecem duas questões básicas: o que realizaram as economias latino-americanas no curso dos últimos cem anos e como ocorreram essas realizações?

Para ela, a primeira onda de expansão teria sido essencialmente

<sup>1</sup> Para Thorp (1998), por instituições estão referidas tanto as organizações costumeiras, entre elas o Judiciário, os bancos centrais, como as regras do jogo, com destaque para os direitos de propriedade e mesmo costumes sociais, os quais constituem todas uma parte importante do pano de fundo que condiciona o comportamento e a resposta dos agentes econômicos.

um período de crescimento impelido pelas exportações de produtos primários. Teria havido também escassez de mão-de-obra, problema que a imigração só resolveu parcialmente. Essa escassez não conduziu a uma boa distribuição de renda, com alta remuneração do trabalho, mas a instituições que reprimiam e controlavam a força de trabalho e criavam uma oferta de mão-de-obra que espoliava os camponeses. A desigualdade estaria, assim, profundamente intrínseca no modelo e fazia parte de sua eficácia impulsionar o desenvolvimento. Assim, a fase de crescimento liderado pelas exportações teria configurado e cimentado a estrutura de distribuição de renda e as instituições responsáveis por ela. A desigualdade constituía um aspecto funcional da eficiência da trajetória do crescimento. Na segunda, embora sem mudança, teria havido um desenvolvimento institucional em escala maior, mas orientado para fomentar e dar foco ao papel do Estado.

A Argentina, assim, ingressava na economia mundial endividada além de suas possibilidades reais e fortemente associada com a Inglaterra. Para Thorp (1998), esse último país era historicamente um mau cliente da Argentina, ainda que o maior provedor, primeiro de artigos de consumo e depois de material ferroviário, mas isso duraria só alguns anos mais. Por conseguinte, o momento e as condições de inserção da Argentina no mercado mundial não resultavam no marco adequado: a Inglaterra começava uma retirada relativa; os Estados Unidos inundavam os mercados com uma oferta de cereais e gado em pé<sup>2</sup>, que crescia a ritmo acelerado rebaixando os preços internacionais desses produtos.

Quando, no fim do século XIX e nos primeiros anos do século XX, houve uma onda de investimentos em estradas de ferro, o surto baseou-se num grande volume de financiamento externo. Ao mesmo tempo, ocorreu a expansão dos portos e o desenvolvimento da infraestrutura financeira, na forma de bancos privados. Assim, o começo do século XX encontrou a América Latina no meio de uma fase de expansão suscitada pelo crescimento da economia mundial. A demanda de produtos primários e os influxos de capitais atraídos por essa situação foram poderosos catalisadores de mudanças, em interação

<sup>2</sup> Thorp (1998) também discute a expressão *commodity lottery*, expressão de Díaz-Alejandro para definir a Argentina, e que se refere à sorte dos países quanto à disponibilidade e natureza dos produtos básicos, assim como às condições de sua demanda. Para ela essa expressão é extremamente oportuna para definir as escolhas desse país.

com diferentes situações locais. Finalmente, a rápida expansão do comércio internacional foi uma das características marcantes do crescimento econômico acelerado do "centro" industrializado no século XIX, e a alta da participação dos produtos primários foi o aspecto diferenciador do comércio mundial durante o período.

Para essa autora a Argentina, dentro da América Latina, foi o país que mais se aproximava do modelo teórico da "teoria tradicional dos produtos básicos" das economias exportadoras, ressaltando como o seu crescimento estava estreitamente associado a sucessivos surtos nas exportações de mercadorias que exigiam uso intensivo da terra, tendo esta um custo de oportunidade muito baixo.

Na Argentina as ricas terras do Pampa permitiram a absorção de mão-de-obra pela alternância de trigo com alfafa, com que foi possível ao trigo e à carne prosperarem juntos. Ao ser atingido o limite das terras na fronteira na década de 1910, os melhoramentos técnicos da pecuária permitiram aumentar a produtividade das terras existentes, sustentando o modelo. Já naquele tempo, o modelo levava a uma diversificação substancial; a indústria liderada pelo setor de alimentos baseado na indústria de carne e nos cereais foi responsável por 17% do PIB em 1913. As tarifas relativamente baixas e a taxa cambial fluctuante não encorajavam a indústria, mas as articulações com as exportações eram bastante fortes (Thorp, 1998).

Bulmer-Thomas (1998) afirma que, em meados do século XIX, o crescimento da economia mundial constituía a base de toda a análise sobre a política e desenvolvimento econômico da América Latina. Segundo esse especialista, em todo o subcontinente se pensava, em geral, que a melhor esperança de um rápido avanço econômico da região se baseava em uma integração mais direta com a economia mundial por meio da exportação de produtos e a importação de capitais. Em alguns países também se privilegiava a imigração européia. Outras teorias que sublinhavam a proteção das atividades nacionais que competiam com as importações, em termos mais realistas, a promoção das exportações manufaturadas, encontraram pouco apoio entre as elites políticas.

Nesse contexto, um bom desempenho nas exportações era a chave do êxito. Sempre que o setor exportador aumentasse, o resto da economia também teria acréscimo. Esse otimismo mostrava-se bem fundado no caso da Argentina, onde os benefícios do aumento do setor exportador estavam realmente produzindo a transformação da agricultura, das manufaturas e dos serviços nacionais. Para Bulmer-

Thomas (1998), sem dúvida, a diversificação das exportações mais exitosa foi a deste país. A introdução de novos produtos não eclipsou os antigos, e a Argentina simplesmente ampliou a gama de suas exportações. Em 1913 recebia divisas por uma impressionante variedade de produtos de cereais (incluíam trigo, linhaça, centeio, cevada e milho) e de gado (carne congelada e resfriada, cordeiros, lã e couros). Nenhum outro país da América Latina aproximou-se sequer da variedade e qualidade das exportações argentinas antes da Primeira Guerra Mundial, que eram de tal magnitude que representavam quase 30% das rendas totais latino-americanas por exportações, embora a Argentina só abrigasse 9,5% dos habitantes da região.

## **O início do período de intenso crescimento da economia argentina**

Na verdade a riqueza e a opulência da "sociedade argentina" sempre foram perseguidas e sonhadas pelo imaginário argentino, sendo que as condições materiais e culturais para a sua concretização já estavam dadas no último quartel do século XIX.

Por volta do final dos anos setenta e início dos anos oitenta do século XIX, a economia argentina começou um período de extraordinário crescimento denominado por muitos autores como a *Belle Époque*. Esse crescimento resultou da incorporação de vastas extensões de terras férteis, pois a sua utilização tornou-se economicamente viável em razão da diminuição dos custos de transportes ter aproximado o mercado dos países europeus à Argentina, criando um aumento de demanda para as exportações argentinas. A utilização dessas terras em regiões desabitadas para a produção só foi possível graças à chegada dos imigrantes e da construção das estradas de ferro que possibilitaram o transporte, a baixo custo, dos grãos e das carnes aos portos.

A data do início do período de crescimento não é objeto de muito debate na literatura, sendo que as divergências variam entre os autores que identificam o seu começo com a década de oitenta, a ponto de denominá-lo, inclusive, de *Proyecto del 80*, enquanto que outros autores já identificam os sinais de crescimento ao longo dos anos 1870, principalmente nos últimos anos daquela década. Entretanto, independentemente da determinação exata do início do período, a principal explicação da maioria dos autores para esse extraordinário crescimento da economia argentina foi a sua inserção no comércio internacional.

A extensão e qualidade dos resultados materiais alcançados naquela época levaram à criação na consciência do povo argentino de uma ideologia de progresso ilimitado. Dentre os diversos autores que chamaram a atenção para o extraordinário crescimento da economia da Argentina, destaca-se Díaz-Alejandro (1970, p. 18) com a afirmação de que, desde 1860 até 1930, a taxa de crescimento da economia argentina teve poucos antecedentes na história mundial. Particularmente "(...) *en los cincuenta anos anteriores a 1914 se produjo en la Argentina uno de los crecimientos más acelerados del mundo en un lapso tan prolongado*"

A sua explicação para o ponto de partida desse período ser por volta da década de setenta, é que depois de cinquenta anos de guerras civis, as classes dirigentes argentinas responderam com decisão às oportunidades de crescimento oferecidas pela industrialização europeia e aos avanços tecnológicos dos meios de transporte. A partir da observação de indicadores como a extensão das estradas de ferro, as exportações, pela falta de dados globais, segundo ele, daria para se supor que o PIB real argentino teria crescido a uma taxa média anual de pelo menos 5% durante os cinquenta anos que precederam a Primeira Guerra Mundial. Esse número é importante quando cotejado com a informação de que, entre 1869 e 1914, a população aumentou a uma taxa anual de 3,4%.

Segundo Díaz-Alejandro (1970), a crescente necessidade de alimentos e a expansão ferroviária determinaram que de 1870-80 em diante houvesse um rápido aumento das exportações de gado e de cereais, o que passaria a caracterizar o período de crescimento sem paralelo da economia argentina, sob o modelo primário-exportador.

Foi dessa sua extremamente positiva visão do comportamento deste período da economia argentina, inclusive ao equiparar o seu crescimento às economias de colonização recente como o Canadá, os Estados Unidos e a Austrália, que surgiu a idéia da *Belle Époque* e de toda a mítica que passou a envolver essa fase da economia argentina. A sua explicação para esse formidável crescimento é de que ele teria decorrido de importantes mudanças no comércio internacional, estando nas exportações de produtos de origem rural o elemento chave do processo.

A grande expansão de 1860-1930, para Díaz-Alejandro (1970), beneficiou, além dos proprietários de terra, em maior ou menor medida, a todos os grupos importantes vinculados à economia argentina: trabalhadores nativos e imigrantes, capitalistas urbanos, proprie-

tários de terras, investidores estrangeiros. Não obstante, as províncias do Noroeste e os trabalhadores rurais obtiveram, em proporção, poucos benefícios da grande prosperidade econômica. Os proprietários de terra argentinos, cujos interesses tinham sido até então exclusivamente pastoris, mostraram maior flexibilidade do que na Austrália para aproveitar, com a ajuda dos arrendatários imigrantes, as condições favoráveis que os mercados mundiais de cereais ofereciam.

Segundo Cortés-Conde (1997), outro autor que aponta a década de setenta para o início da *Belle Époque*, a redução dos custos de transporte marítimo foi o fator mais importante, seguido pelo movimento dos meios de produção capital e mão-de-obra entre os continentes. O outro lado da explicação para este Autor refere-se à necessidade de ajustamento do lado da oferta para responder aos aumentos reais ou potenciais da demanda mundial. Esse ajuste do lado da oferta constituiu principalmente a reorganização dessa economia primária. Foi necessário reorganizar a produção para obter mais produtos básicos - cereais e carne — através dos fatores de produção: terra, mão-de-obra e capital.

Outros referenciais muito utilizados para defender o final dos anos setenta e início dos anos oitenta como marcantes do início do período foram tanto a federalização de Buenos Aires, com a conseqüente unificação da Argentina, como a chegada à presidência da República de Julio Roca, em 12 de outubro de 1880. É interessante lembrar que, para muitos autores, o início dos anos oitenta também marca o estabelecimento definitivo do Estado nacional argentino.

Rapoport (2000), por sua vez, entende que esse crescimento, na verdade descontínuo, iniciou-se na década de oitenta. Lembra ele que, em 1880, o País começou a estruturar-se, com o fim das crises políticas e militares, dos enfrentamentos entre Buenos Aires e o Governo Nacional, e das expedições contra os índios, estabelecendo o marco institucional e a estrutura política própria de um Estado nacional, processo que logo se complementaria sob o governo de Roca.

Cortés-Conde e Harriague (1994) apresentam uma série do PIB argentino para os anos 1875-1985 e destacam o período 1875-1912, como o de maior taxa de crescimento do PIB do período, conforme tabela 1. Para eles o crescimento ocorrido entre 1875-1912 teve como causa a exploração dos recursos naturais e as melhorias neles realizadas, já que aumentaram sua produtividade. Não se teria tratado somente de incorporação de terras, de recursos naturais, mas também de mudanças tecnológicas no setor agropecuário, que possibilitaram

o cultivo de cereais em terras de gado, a implementação de pastagem permanente e a produção de carne para exportação. Isso teria conduzido a uma maior valorização da terra. Deste modo, foi a incorporação de capital e trabalho na terra que aumentou sua rentabilidade. O investimento em ferrovias diminuiu os enormes custos de transportes e possibilitou aos cereais e às carnes o acesso aos mercados domésticos urbanos e externos, criando um mercado que até então não havia.

Esse comportamento não aconteceu apenas no setor primário, pois a taxa de crescimento do PIB total foi impulsionada pelo setor industrial, da construção e do comércio. Com o fim das guerras civis chegou-se à estabilidade política e seguridade jurídica que permitiram efetivos direitos de propriedade e diminuíram os elevados custos de transação da Argentina anterior à organização nacional, mostrando o peso da variável constitucional. Foi a condição para o enorme deslocamento de capital e trabalho que viabilizou a produção nas terras férteis.

Tabela 1. Crescimento médio do PIB *per capita* argentino em distintos períodos (1875/1948)

Períodos	Crescimento Médio
1875-1896	3,7
1896-1912	2,3
1912-1928	-0,1
1928-1948	2,3

Fonte: Cortés Conde y Harriague (1994, p.4).

O peculiar para Cortés-Conde (1997) foi que a Argentina tivesse períodos de crescimento de duração variada, muitas vezes fortes e sustentados, e ao mesmo tempo mostrasse incapacidade de manter taxas razoáveis durante grandes espaços de tempo. Assinala também o fato de que se os períodos de crescimento se rompessem e dessem lugar a quedas de duração variáveis, a queda seria ainda mais importante e a demora em recuperar níveis prévios, o que conferiu mais uma característica especial ao caso argentino. Segundo ele, em outros países, o crescimento tampouco foi linear e também houve fortes rupturas, mas, o que os diferencia do caso argentino é que, depois da ruptura do padrão de crescimento, a recuperação que se seguiu foi de um crescimento não interrompido, sem novas quedas.

Para Lewis (1999), os cálculos de Cortés-Conde (1997), com base nos dados de Angus Maddison (1993), largamente corroboram a

pesquisa anterior de Díaz-Alejandro (1970), que sustentava que a performance econômica da república na virada do século determinou um recorde internacional, conforme tabela 2.

Tabela 2. Taxas de crescimento médio anual do PIB *per capita* na Argentina

(%)			
Períodos	Produção	Períodos	PBI <i>per capita</i>
1875-1896	3,7	1870 -1890	1,9
1896-1912	2,3	1890-1913	2,2
1912-1928	-0,1	1913-1950	0,7
1928-1948	2,3		

Fonte: Lewis, (1999, p.7).

Segundo Lewis (1999), a tabela 2 mostra a magnitude da proeza argentina. Até a Primeira Guerra Mundial a economia teria crescido rapidamente. Na verdade, segundo ele, a taxa de crescimento do produto argentino não somente bateu um recorde internacional, mas estabeleceu um *benchmark* (padrão doméstico). Esse feito teria sido mais marcante por que a população se expandiu. As altas taxas de crescimento *per capita* foram mantidas não obstante o fato de a população total ter dobrado entre 1869 e 1895 — os dados do primeiro e do segundo censos —, e novamente entre 1895 e 1914 quando foi feito o terceiro censo. Entre 1869 e 1914, a taxa de crescimento da população anual alcançou 3,4% em média. A imigração inter-continental líquida explica aproximadamente metade do crescimento da população durante o período, tendo sido mais intensa em 1880 e nos anos imediatamente anteriores a 1914.

A nova fase da economia primário-exportadora argentina, iniciada no final da década de 60 do século XIX pode ser sumariada por dois fatores: 1) expansão e integração crescente na economia mundial; 2) grande expansão das terras férteis, com baixa população, na zona pampeira. O primeiro refere-se à importância do progresso técnico como fator determinante da integração da Argentina na economia mundial. Pode ser desdobrado em fluxo de capitais, migrações e expansão comercial. A Argentina, nesse sentido, constituiu-se no caso mais significativo de um país integrado à economia mundial, pois esse período marcou o aumento vigoroso das suas exportações, e ela passou a deter um lugar de destaque nos mercados internacionais, tanto pelo volume de seu comércio exterior, quanto pela magnitude dos capitais estrangeiros nela investidos. Especificamente, o crescimento das exportações foi condicionado por dois fatores: o aumento

da demanda mundial por produtos agropecuários de clima temperado e a disponibilidade de terras férteis na zona pampeira, ainda não-exploradas ou parcialmente utilizadas. O segundo fator foi a chamada "Campanha do Deserto", quando foram incorporadas para o cultivo novas e importantes zonas de grande fertilidade, determinantes nessa nova etapa do desenvolvimento. Os dois fatores se interligam com um terceiro fator que também se mostrou marcante nesse período: a construção das estradas de ferro.

Do que foi apresentado até aqui fica identificado o final da década de setenta e o começo da década de oitenta como o início do período de intenso crescimento da economia argentina, pois entende-se que foi naquela ocasião que foram alicerçadas as bases para que, quando a "geração dos 80" chegasse ao poder, pudesse realizar as transformações necessárias ao crescimento. As principais explicações foram as de Díaz-Alejandro (1970) e Cortés-Conde (1997), segundo as quais foi o fim das guerras civis que estabeleceu as condições para que os dirigentes argentinos partissem para o aproveitamento das oportunidades da abertura externa, baseada na integração da economia argentina aos mercados mundiais e na grande expansão de terras férteis. O início da década de 1880 trouxe a concretização das reformas e das condições necessárias para que o País pudesse alcançar as altas taxas do período.

## **O início do declínio: uma questão controversa na literatura**

Esta parte apresenta uma discussão de um dos pontos mais controversos na literatura sobre a economia argentina: a determinação do término do período de intenso crescimento iniciado no final do século XIX e das causas que levaram a uma drástica mudança do padrão de acumulação no início do século XX. Essa discussão tem importância por envolver questões de política econômica atual na discussão sobre a retomada do crescimento. Na literatura sobre o tema, os autores discordam tanto sobre a data do início, como a respeito das razões que levaram a essa mudança no padrão de crescimento da Argentina.

Uma posição defende que o declínio começou com a Primeira Guerra Mundial, posicionamento denominado "hipótese da retardação precoce", sendo a principal razão para isso a ruptura dos créditos internacionais em 1914/1915, seguido do colapso do mercado inter-

nacional de capital e a retração britânica. A outra sustenta que o rompimento da fase de crescimento ocorreu com a Grande Depressão em 1929, "a hipótese da retardação tardia" —para a qual o desempenho da economia argentina no século XX foi de crescimento até os anos vinte, e que a queda associada à Primeira Guerra foi apenas uma interrupção.

Sem dúvida, o trabalho que lançou as primeiras idéias que suscitaram o debate sobre esta questão foi o de Di Tella e Zymelman (1967), considerado um clássico sobre o período de grande crescimento da economia argentina. A parte mais importante da argumentação desses autores, que inclusive suscitou o trabalho de Díaz-Alejandro (1970), era que a Argentina experimentou uma significativa redução no crescimento econômico depois da Primeira Guerra Mundial e que teria havido inclusive uma "demora" entre 1914 e 1933, que eles atribuíam a políticas econômicas mal orientadas. Ao defender essa hipótese do início do declínio em 1914, os Autores evocavam, além das políticas econômicas, o fechamento das fronteiras, entendendo que a região fértil dos pampas já estava plenamente ocupada nesse período. Esses dois economistas argentinos também sugerem que a desaceleração do crescimento observada entre 1914 e 1929 deveu-se ao fracasso das autoridades em dar suficiente impulso à indústria, e que não seria esperado que a expansão registrada antes de 1914 continuasse após essas ocorrências.

O ponto mais importante do trabalho foi, então, o acréscimo de uma nova etapa ao esquema de Rostow, sustentando que o lapso compreendido entre 1914 e 1933 se teria constituído em uma "grande demora", situada entre as "condições prévias" (1880-1914) e a "decolagem". A nova fase da demora tinha as suas raízes causais nas características do período de pré-aquecimento, que na Argentina se caracterizou pela incorporação de novos recursos naturais, principalmente a terra. O objetivo de Di Tella e Zymelman (1967), foi demonstrar que a existência dessa demora era, em parte, a explicação da intensidade do desajuste estrutural que a Argentina atravessou naquela época.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Para estabelecer a periodização da economia argentina, estes autores partem do conceito de etapas de desenvolvimento, definidas como uma parte, no tempo, de uma seqüência mais longa do processo de crescimento. De posse dessa definição, eles estabelecem a seguinte periodização para a economia argentina: 1) Tradicional até 1853; 2) Transição 1853-1880; 3) Pré-condições (Pré-acondicionamento) 1880-1914; 4) Demora 1914-1933; 5) Crescimento auto-sustentado 1933-1952; 6) Reajuste 1952...).

Para os Autores, até 1880, o País, pacificado sob um governo central, começou a seguir a política de livre comércio, abrindo-se sem limitações ao capital estrangeiro. O período de pré-acondicionamento, que pode se considerar iniciado ao redor de 1880, não se diferenciou muito do anterior quanto ao tipo de evolução, mas sim em função do grau em que essa evolução se produziu, ao ponto de criar uma diferença quantitativa entre ambos. Assim a demora se caracterizava por uma contradição de investimentos, particularmente com o estrangeiro, conectada com o desenvolvimento da fronteira e com a defasagem na evolução da posição relativa entre a agricultura e a indústria.

A experiência argentina, então, diferenciava-se dos demais países pela existência de uma demora, prévia ao crescimento auto-sustentado e pela intensidade do processo de reajuste estrutural posterior. Os Autores afirmam que, a subdivisão do período prévio ao crescimento auto-sustentado em dois: o pré-acondicionamento e a demora, a fim de fazer menção especial à demora ao desencadeamento do processo de industrialização quando o país parecia reunir já todos os requisitos econômicos para o mesmo. A etapa de pré-acondicionamento estava associada com o desenvolvimento do capital social básico ou infra-estrutura econômica e não foi seguida de imediato por um fenômeno de crescimento auto sustentado. O período de 1914-29 constituiu-se, assim, uma oportunidade desperdiçada pela política econômica, porque as autoridades não se deram conta de que se aproximava o final de uma era, e que era chegada a hora de buscar a alternativa da industrialização.

Assim, Di Tella e Zymelman (1967) consideraram que o declínio da taxa de crescimento iniciou-se ao redor de 1913, evidenciando a retardação precoce e responsabilizam principalmente as assim denominadas "políticas mal orientadas" durante os anos vinte pelo fracasso em adaptar a Argentina — dependente externa, baseada em exportações —, a uma conjuntura externa não mais favorável. O outro motivo foi o fim do fechamento da fronteira dos pampas que também aconteceu naquela época.

Alejandro Bunge (1948), por sua vez, ficou conhecido tanto pela sua defesa irrestrita da industrialização da Argentina, como editor da *Revista de Economía Argentina*, por ele criada em 1918, como pela sua crítica ao modelo de abertura da economia baseado nas exportações e por advogar uma decisiva intervenção do Estado para fomentar o crescimento industrial. Bunge (1948), de acordo com um rico conjunto de dados estatísticos da época, definiu a falta de um programa

industrial como o problema básico da Argentina, antecipando, assim, algumas medidas de política econômica que seriam adotadas nas décadas posteriores. No centro de sua visão sobre a economia argentina, estava a noção de que a agricultura estava exaurida, assim como a regra de ser o setor líder que teria possibilitado o enorme progresso do século anterior. A indústria também deveria compensar, através de seus próprios produtos, a crescente incapacidade dos produtos de exportação agrícolas de pagarem as importações, os empréstimos e os investimentos privados que a Argentina tinha recebido do exterior<sup>4</sup>.

Foi Díaz-Alejandro (1970) que deu início ao debate polêmico acerca da determinação do final da época áurea de crescimento da economia argentina. Argumentou que não via a Primeira Guerra como uma ruptura, e que a performance da economia argentina no início do século XX foi de crescimento continuado e forte até os anos vinte, apesar de concordar com o fato de que o fechamento da fronteira já tinha acontecido durante a década anterior. O Autor considera o choque externo associado à Guerra como compreensível e temporário, e que a performance da economia argentina foi bem superior nesse período quando comparada com a de países como a Austrália e o Canadá. A política liberal orientada para as exportações

<sup>4</sup> É importante ressaltar que neste trabalho optei por não entrar na discussão sobre a questão do caráter e do papel das classes dominantes oligárquicas argentinas, e a questão da industrialização, e por isto importantes trabalhos que tratam desta questão não foram examinados, entre eles os de Ezequiel Gallo, Milcíades Peña, Jorge F. Sabato, Fernando Rocchi e Roy Hora. O trabalho de Jorge F. Sabato "La clase dominante en la Argentina moderna: formación y características", 1988, cujo autor discute e defende a tese que os grandes proprietários argentinos tinham uma mentalidade empresarial e racional, remete para a questão de que eles não foram obstáculos para mudanças, na medida em que diversificaram suas atividades econômicas, é considerado um clássico dentro da literatura sobre história econômica da Argentina e por isto mesmo teve grandes desdobramentos na literatura. Acredito que esta discussão que tem como centro de foco o tipo de industrialização que foi produzido na Argentina, o papel dos grandes proprietários e a origem dos fundos e do excedente que a viabilizaram, por si só mereceria um trabalho ou artigo centrado somente nesta questão. A minha proposição neste artigo foi estabelecer uma discussão sobre o período de crescimento, e foi neste sentido que o trabalho de Di Tella, Zymelman e Bunge, que também tratam do processo de industrialização argentino foram examinados - ou seja, a parte utilizada desses autores foi estritamente a referente à discussão da validade ou não da manutenção de políticas voltadas para fora nos momentos referidos, e sobre se os referidos períodos marcavam ou não mudanças no crescimento econômico.

teria tido sucesso em conduzir a Argentina através das dificuldades do período anterior inter-guerras e ele otimisticamente mostra a *Belle Époque* como tendo persistido até 1929. A consequência disso é que ele situa as dificuldades de crescimento ligadas não ao modelo aberto, mas sim às políticas "para dentro", autárquicas, que caracterizaram a Argentina e muito outros países da América Latina nos anos trinta. Para ele, a Primeira Guerra teria deixado a economia argentina convalescente, mas ainda firmemente integrada ao mercado financeiro mundial, não necessitando de mudanças drásticas nas políticas levadas a efeito até a Grande Depressão de 1929.

Segundo Díaz-Alejandro (1970) o exame dos dados macroeconômicos apresentados na tabela 3 mostra que o período 1914-29 pode ser dividido em dois sub períodos: um de depressão que se iniciou antes da Guerra e outro de rápida recuperação e expansão que se prolongou de 1917 a 1929. A diminuição da entrada de capitais durante a segunda metade de 1913, devida às restrições monetárias européias, sucederam as más colheitas de 1914 e a eclosão do conflito, que reduziu por vários anos as exportações e a entrada de capital estrangeiro.

A primeira constatação é que as exportações declinaram em 27% entre 1912-13 e 1916-17, sendo que foram os cereais os que mais sofreram. Destaca-se também na tabela 3 a queda da variação percentual para o período 1913-17, em relação a períodos anteriores, devido à cessação dos empréstimos e investimentos estrangeiros, que paralisaram a construção das estradas de ferro e outras aplicações em capital social fixo.

Tabela 3. Evolução da economia argentina entre 1913 e 1929

Indicadores	Variações percentuais totais		Taxas percentuais de crescimento anual	
	1913-17	1917-29	1913-29	1917-29
PIB real .....	19,6	116,7	3,5	6,7
Setor rural .....	13,5	91,1	3,2	5,5
Indústrias manufatureiras e mineração .....	16,9	146,7	4,6	7,8
.....	82,4	749,8	2,6	19,5
Serviços de governo .....	14,7	52,7	3,6	3,6
Outros serviços .....	15,0	104,0	3,5	6,1

Fonte: Díaz- Alejandro (1970, p.62).

Para Díaz-Alejandro (1970), o escasso crescimento econômico britânico e a reduzida expansão demográfica européia entre 1913 e

1929 dificultaram o crescimento econômico não só da Argentina, como também do Canadá e da Austrália. Na realidade, vários países importantes tiveram suas taxas de crescimento diminuídas nesse período e, a menos que se sustente que as autoridades argentinas tivessem podido prever a Grande Depressão, ou que deveriam ter recorrido a políticas keynesianas no período 1914-17, a tese da demora resultaria insustentável.

Esse debate foi revivido em trabalhos publicados mais recentemente. Assim, Taylor (1994) iniciou rebatendo a tese de que a fase de crescimento intenso argentino teria durado até o final dos anos vinte. De posse de estatísticas mais atualizadas, reafirma que o declínio da economia argentina começou em 1914, em virtude da ruptura dos créditos internacionais, seguindo o colapso do mercado internacional de capital e a retração britânica.

A Primeira Guerra Mundial foi seguida por uma aguda retardação para os países desenvolvidos e teria marcado o fim da *Belle Époque* de acordo com a hipótese da retardação precoce, expressão criada por ele. A desaceleração de 1914 foi ocasionada por uma queda do investimento, devido a uma menor taxa de poupança de uma população com alto grau de dependência. A principal fonte de poupança externa para a Argentina nesse período era o investimento britânico. Com a sua queda após a Guerra, deixou como alternativa para a continuidade do crescimento a poupança interna.

Assim, para Taylor (1994), o declínio do crescimento econômico pode ser, sem dúvida, atribuído à deterioração das condições para acumulação de capital depois de 1913. Quando terminou a *Belle Époque*, os argentinos não foram capazes de sustentar o ritmo do desenvolvimento: primeiro porque eles não puderam poupar o suficiente; e em segundo lugar, mesmo se eles pudessem, os desincentivos de preço canalizaram fundos para fora das atividades de investimentos precursoras do crescimento.

Para Taylor (1994), a dependência externa do capital externo só foi crucial na Argentina em virtude da escassez de capital doméstico, que resultou em grande parte de constrangimento demográfico sobre a poupança doméstica. Na Argentina existia uma estrutura populacional etária de um grupo jovem não-poupador. Quando os fluxos internacionais foram cortados, seguindo o colapso do mercado internacional de capital e a retração britânica, o *gap* da balança de pagamentos não poderia mais ser coberto e a carga demográfica ganhou força para deter a acumulação de capital durante o período de entre-

guerras. Assim, se a taxa de dependência fosse mais baixa e mais parecida com as das demais economias de população recente, o desempenho da economia argentina teria sido mais próxima da do resto do mundo.

Por último Taylor utiliza o trabalho de Díaz Alejandro intitulado *Delinking North and South: Unshacked or Unhinged?*<sup>5</sup> de 1978, para expressar a sua tese da relação entre a questão demográfica, a questão externa e o declínio da economia argentina.

"No contexto do declínio econômico da Argentina, eu tenho procurado mostrar que um outro tipo de carga de dependência, da variedade demográfica, pode transmitir dependência externa no mercado de capitais, um suporte vital no processo de desenvolvimento. O capital britânico pagou pela *Belle Époque* o que a jovem população argentina não podia subscrever sozinha: desligada deste mercado externo a Argentina tornou-se desacorrentada, mas, de fato, perturbada." (Taylor, 1994, p. 929)

Dessa forma, para Taylor (1994), o problema da Argentina, após a queda dos investimentos britânicos, foi a impossibilidade da poupança doméstica substituir a poupança externa. O rompimento com as fontes externas e a adoção de política econômica voltada para "dentro" não levariam à retomada do crescimento, mas, ao contrário, isso só acarretou mais problemas de desequilíbrio na economia argentina ao longo dos anos vinte.

<sup>5</sup> Neste trabalho Díaz Alejandro (1978) afirmava que o "desligamento" tornou-se um dos mais populares slogans nas áreas de desenvolvimento e relações internacionais e significa um completo corte de relações comerciais e financeiras entre um dado país em desenvolvimento, ou um grupo deles, e os países centrais do capitalismo suscitando questões como de ser essa a política mais proveitosa e do futuro dos países em permanecer desligados. Em vista disso, faz uma crítica severa das abordagens "para dentro" para o desenvolvimento. Para o Autor, os "desligadores" culpam a abertura pelo mau desenvolvimento, pela desintegração nacional, pela falta de empresários nacionais e pela desigual distribuição de renda e riqueza. O argumento dos "desligadores" induz à expectativa de que o desligamento desacorrentará as energias nativas, a geração de inovações e a integração nacional e levará a um crescimento equitativo. Finalmente, questiona que a dependência externa represente um obstáculo para o desenvolvimento de um país e a necessidade de auto-suficiência e desligamento do grupo principal das nações industriais, argumentos centrais da teoria da dependência.

Rock (1993) também contribuiu para reacender o debate da periodização identificando dois períodos de declínio da economia argentina: dentro de todos os setenta anos, entre 1860 e 1930 e entre a depressão de 1890 e a irrupção da Primeira Guerra. No primeiro período, o ritmo de mudança e a confiança nas potencialidade do País foram maiores, tendo sido o período em que foi dado o passo mais para frente. No segundo período, apesar de ter iniciado de forma não-auspiciosa no meio de um colapso financeiro com a crise externa e bancária dos anos noventa, a economia argentina iria retomar o seu crescimento econômico até a eclosão da Guerra.

Assim, a partir de 1895, a Argentina experimentou quase duas décadas de expansão sustentada sem interrupção. Apesar de duas recessões, em 1899 e 1907, o Produto Nacional Bruto argentino manteve-se crescendo a uma taxa anual quase constante de 6%.

As facetas marcantes desse período de crescimento foram: a retomada dos investimentos britânicos que alcançaram seu ponto máximo entre 1904 e 1913 e a chegada das companhias norte-americanas empacotadoras de carne, que representaram a principal ligação de investimento entre os Estados Unidos e a Argentina. Por volta de 1914, as companhias americanas, lideradas pela Armour e Swift, controlavam a metade das exportações de carne da Argentina, das quais mais que quatro quintos continuavam sendo enviados para a Inglaterra. Na época em que começou seu período de queda do crescimento econômico, a Argentina tinha experimentado quase vinte anos de expansão. Mas, em 1913, uma nova depressão interrompeu o fluxo de capitais e de imigrantes. A indústria têxtil argentina usava muita matéria-prima importada, era muito primitiva e muito pouco diversificada. Em 1913, o futuro imediato da Argentina assim parecia improvável de ser mais do que um desvio do passado imediato. A estrutura básica do País permaneceria a mesma, não respondendo aos esforços para a diversificação. O crescimento seria mais modesto em vista de uma inflexibilidade dos mercados externo.

De acordo com as novas estimativas do PIB efetuadas por Cortés-Conde (1997), a queda do PIB teve início em 1912 e durou até 1917, quando começou outra fase de crescimento que chegaria até 1927, mas que não foi suficientemente vigorosa para garantir uma taxa positiva no período como um todo. Com efeito, de 1912 a 1928, o PIB apresentou queda de -0,1%, conforme tabela 1. A sua principal explicação para todas as quedas do crescimento da economia argentina vincula-se a recursos previamente ociosos e a uma demanda insatisfeita.

ta. Ele sugere que a interrupção do crescimento em 1912 foi de origem externa, e que, em 1927, depois de uma recuperação, a quebra também se deveu a fatores externos, que conduziram à crise de 1930.

Mas, conforme ressalta este Autor, o tipo de crescimento que ocorreu entre 1875-1912 não explica o seu estancamento, via esgotamento de recursos ociosos, pois este não ocorreu nos Estados Unidos e Austrália, que também tiveram as suas altas taxas de crescimento explicadas pela exploração de recursos naturais não-utilizados. Também não se explicava pelo declínio da indústria de matérias-primas, pois era de se esperar que diminuíssem as elevadas taxas na indústria de alimentação, nos frigoríficos, mas existiam outros ramos, como o têxtil, que nos anos vinte teve uma renovada expansão. Ao discutir as possíveis razões para a desaceleração da economia argentina após a Primeira Guerra, aponta entre elas o esgotamento da fronteira agropecuária, as mudanças nas correntes de comércio e de capitais que haviam vinculado a Grã-Bretanha à Argentina. Outra circunstância importante foi que, por volta dessa época começou a mudar a disponibilidade relativa de recursos. A terra começou a escassear e a população ficou mais numerosa. Por outro lado, houve o declínio da renda marginal da terra que antes tinha atraído poupanças de fora do setor.

Por fim, de acordo com Cortés-Conde (1997), a principal explicação para a interrupção do crescimento da economia argentina por volta da Primeira Guerra Mundial esteve ligada a políticas discriminatórias realizadas pelo Estado. No seu entender, mais que choques externos foi a intervenção nos mercados que determinou que não houvesse mudança nos preços relativos. Ela teria impedido uma eficiente alocação de recursos quando se estabeleceu a normalidade. Assim, a explicação para o final do primeiro período de crescimento, de 1875-1912, mais do que o fechamento da fronteira, parecem ter sido as distorções dos mercados que impediram os ajustes no padrão de crescimento.

O segundo impulso de crescimento, de 1932 a 1947, respondeu mais a uma demanda reprimida, a princípio por causas externas e logo por decisões deliberadas, conforme a tese defendida por Díaz-Alejandro (1970), e se manteve no tempo em que foi absorvida. O protecionismo orientou os investimentos para o mercado interno, produzindo um efeito negativo sobre as exportações criando um problema para o balanço de pagamentos e, conseqüentemente, uma limitação adicional para a incapacidade de manter um crescimento sustentado.

Nakamura e Zarazaga (1996) também tiveram como objeto de pesquisa a controvérsia sobre a tendência do crescimento econômico na Argentina no começo no século XX, especialmente depois da Primeira Guerra Mundial. Em seu trabalho, eles utilizam a remuneração das ações como um indicador adicional do sentimento contemporâneo sobre o retorno esperado do capital durante o intervalo inter-guerras. Dentro da controvérsia sobre o crescimento da Argentina depois da Primeira Guerra, argumentam que o preço e outras características dos ativos financeiros poderiam fornecer informações cruciais sobre o acesso das empresas argentinas para o mercado de capitais. Seu objetivo era, na verdade, de discutir a tese de Taylor (1994), de que foi a restrição de crédito no mercado internacional de capitais depois da Guerra que forçou a Argentina a reduzir seus investimentos internos a taxas sustentáveis para sua relativamente baixa capacidade doméstica da poupança.

De posse de um estudo preliminar do retorno das ações da Bolsa Argentina no período 1900 a 1930, eles sugerem que a taxa de retorno do capital, podendo ser medida em termos reais ou nominais, refletiria as condições do mercado de capital mundial. As taxas de retorno reais no período 1920-30 foram superiores àquelas verificadas na *Belle Époque* (1906-1912), mas não estavam fora de sincronia com as do mercado de capitais mundial. O bom desempenho das ações exatamente antes da Grande Depressão sugere que os retornos dos investimentos em capital na Argentina não estavam distantes daqueles que os investidores poderiam obter no mercado mundial de capitais. A situação do mercado de ações confirma a tese de que a Argentina, juntamente com outras economias de povoamento recente, foram muito afetadas pela Primeira Guerra e que as condições econômicas posteriores à ela não foram muito favoráveis.

Assim, a Argentina estava melhor integrada no mundo do mercado de capitais na última metade dos anos vinte do que antes da Guerra. Segundo os Autores, esse resultado é consistente com a visão de Díaz-Alejandro (1970) de que a Primeira Guerra deixou a Argentina convalescente, mas firmemente integrada no mercado financeiro mundial, e pronta para crescer a um passo sadio sem nenhuma necessidade de trocas drásticas nas políticas com o capital estrangeiro levadas a efeito até a Grande Depressão.

Lewis (1999) trouxe novos dados para essa discussão, que são apresentados na tabela 4.

Tabela 4. Desempenho Econômico Comparado. Taxa Média Anual do Crescimento do PIB *per capita*-1900/1950

Períodos	Argentina	Brasil	México	Austrália	Canadá	R.U.	EE.UU
1900-1913	2,5	1,4	1,8	1,1	3,3	0,7	2,0
1913-1950	0,7	2,0	1,0	0,7	1,5	0,8	1,6
1900-1950	1,2	1,8	1,2	0,8	2,0	0,8	1,7

Fonte: Lewis (1999, p.9).

Segundo o Autor, no final de 1917, a recuperação parecia tornar-se mais generalizada. O colapso na produção das exportações chegou ao nível mais baixo, enquanto os termos de intercâmbio melhoraram consideravelmente, ajudados pela compra dos aliados das mercadorias básicas. De acordo com Lewis (1999), a recessão retornou com o fim do *boom* das ações no pós-guerra, mas já no final de 1925 os principais índices de produção estavam novamente subindo e as posições domésticas e externas se reforçaram mais tarde na década. Essa recuperação aumentou o impacto da crise de 1929. Já em 1933 o produto doméstico começou a se recuperar e por volta de 1935 tinha já excedido o nível de 1929.

Segundo esse Autor, os dados relativos ao segundo quartel do século XX não foram muito diferentes dos anos imediatamente anteriores à Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, os números do crescimento *per capita* foram mais baixos devido à continuidade de altas taxas de crescimento populacional. Embora substancialmente baixo no período pré-1914, o fluxo imigratório permaneceu intenso por toda a década entre-guerras e a crescente taxa natural foi aumentada pelo aumento da imigração no período anterior à Guerra. Entre 1913 e 1929 a taxa média anual do crescimento da população foi de 2.8% e de 1929 para 1939 de 1.8%, comparada com a de 3.5% entre 1890 e 1913. Depois disso, a taxa de crescimento demográfico caiu dramaticamente.

O crescimento populacional mais baixo contribuiu sem dúvida para uma performance relativamente positiva da economia durante o período clássico da industrialização de substituição de importações. Isso é dado a entender pela aproximação dos dados agregados fornecidos por Cortés-Conde para o período 1961-1976 e pelas estatísticas *per capita* de Maddison para 1950-1973. Lewis (1999) afirma que ambos concordam em que a performance total da economia no século XX foi marcada por um crescimento lento ou negativo no período compreendido entre a Primeira Guerra e os anos imediatos do pós-guerra.

Segundo Lewis, a despeito dos diferentes pontos de início, Díaz-Alejandro (1970) mostra que a Argentina começou a equiparar-se com a Austrália entre 1880 e 1920. Não obstante uma periodização baseada sobre diferentes pontos de inflexão, eles oferecem uma cronologia bastante similar de desenvolvimento de longo prazo.

Suas abordagens apontam para longas oscilações mais do que para agudos estágios esquemáticos conforme sugerido por Di Tella e Zymelman (1967). O crescente aumento de disponibilidade de refinados dados quantitativos e qualitativos para a década pós-1870 forneceu evidência sólida para sustentar o argumento de que a metade do século antes de 1912-14 foi a época mais dinâmica na recente história argentina. Eventos tão importantes como as duas guerras mundiais e a crise de 1929 tiveram um importante impacto, embora não sejam aceitos universalmente como um divisor de águas. Contudo, o período de entre-guerras foi obviamente um período de ajustamento e possivelmente de reestruturação. De 1870 até 1912 houve uma forte tendência de crescimento. Apesar do comportamento lento no meio da década de 1870 e ao redor da virada do século e uma queda no início dos anos 1890, o PIB *per capita* registrou uma grande subida no ciclo. Nas décadas entre as guerras houve um platô: houve dois ciclos agudos, mas pouca tendência global.

O nível do PIB *per capita* imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial não foi recuperado até o final dos anos trinta. Os dados também mostram que, depois de cada queda, a recuperação levou mais tempo. Depois da crise do Banco Baring em 1890, o PIB *per capita* já tinha registrado uma forte recuperação em 1892. Com o choque da Primeira Guerra, teve início um declínio que começou em 1913 e terminou em 1916. Similarmente, no período entre as guerras, o ponto de nível mais baixo do produto foi em 1932.

A Argentina divergiu substancialmente do comportamento da média internacional durante a fase em que o país estava crescendo, particularmente ao redor da virada do século, mas a dúvida está no por que ela fracassou em sustentar taxas próximas das internacionais depois disso.

## Considerações finais

As indagações que nortearam a execução deste trabalho centraram-se na busca do entendimento da periodização e das causas que levaram a Argentina a despontar como uma das economias mais pro-

missoras no cenário mundial no período entre o final do século XIX e o início do XX, denominado *Belle Époque*, e depois a sofrer crises sem nunca mais retornar aos altos níveis de taxas de crescimento antes alcançados.

O período de intenso crescimento da economia argentina começou entre o final da década de 1870 e início da de oitenta do século XIX, quando foram estabelecidas as condições materiais para que os representantes da famosa "geração dos 80" chegasse ao poder e pudesse realizar as transformações necessárias para ingressar numa fase de crescimento a taxas elevadas.

Esta posição ficou reforçada através do exame de um amplo conjunto disponível de estatísticas históricas, que assinalam tanto os anos próximos à década de noventa do século XIX como de auge do crescimento e do início da crise, como também a importância das décadas de setenta e oitenta de alavancadoras do mesmo. Essa fase de expansão baseada na exploração de recursos naturais, favorecida por grande abertura ao exterior, provocou um enorme deslocamento de capitais e trabalho, e pode ser sintetizado pela elevada relação terra/população, por grandes quantidades de exportações, pela abertura aos mercados externos e pela intensa relação com a Inglaterra.

A acumulação de capitais foi um ponto central neste período em que a liderança britânica e as características dos sistemas financeiros internacional e nacional foram muito importantes. O crescimento argentino não foi somente um recorde entre os países prósperos e de povoamento recente como o Canadá, os Estados Unidos e a Austrália, mas também estabeleceu um recorde doméstico, um marco difícil de ser novamente alcançado. Mas, o mais importante foi o caráter instável deste crescimento e a incapacidade do País de manter taxas razoáveis e continuadas no longo prazo, o que conferiu uma característica peculiar a toda a história da economia argentina.

O término do período de intenso crescimento da economia argentina e as causas que levaram ao seu fim, consistiram na última questão investigada/analísada. A discussão girou em torno de duas datas: 1914 e 1929. Os autores examinados não discordam que a economia argentina teve uma significativa redução no ritmo de seu crescimento econômico na proximidade da eclosão da Primeira Guerra. As discordâncias entre eles giram em torno da extensão dessa crise, e da relação entre as políticas econômicas vigentes. A polêmica centrou-se entre os defensores da hipótese de retardação precoce, para quem

o declínio começou já no início da Primeira Guerra Mundial, e os que defendem a hipótese da retardação tardia, segundo a qual o rompimento da fase de crescimento começou com a Grande Depressão em 1929.

Para o primeiro grupo de autores, a queda associada à Primeira Guerra estava essencialmente relacionada com a ruptura dos créditos internacionais — isto é, com a retração britânica, que causou um déficit no balanço de pagamentos argentino, justamente na falta tanto de empréstimos externos como de poupança interna, acarretou a queda na sua taxa de acumulação. Nessa posição estava embutida uma crítica sobre a continuidade das políticas de livre comércio, base do modelo de crescimento argentino, mantidas pelas autoridades depois dessa data.

A outra corrente defende o ponto de vista de que a performance da economia argentina no século XX foi de crescimento continuado e forte até os anos vinte. A quebra associada à Guerra deve ser considerada temporária, e a política orientada para as exportações teria tido sucesso em conduzir a Argentina através das dificuldades do período anterior. A defesa dessa tese implicou, então, o acerto da manutenção das políticas liberais e a postergação da adoção do modelo de substituição de importações pelos governos dos anos trinta em diante.

A economia argentina vivenciou, assim, o término da *Belle Époque* a partir da crise externa, não importando a sobrevivência ocorrida na década de vinte, uma vez que haviam se esgotado as condições sobre as quais o modelo tinha sido alicerçado. O fato de outras economias de povoamento recente, muito afetadas pela Primeira Guerra, terem não só superado os problemas decorrentes, mas, além disso, terem se tornado economias ricas e poderosas como o Canadá e os Estados Unidos, exemplifica ainda melhor o caso argentino que entrou em crise pela falta de poupança doméstica capaz de substituir a dependência do País ao capital internacional.

Finalmente, cabe lembrar que tanto o fim e, principalmente, o resultado da Primeira Guerra Mundial, como a crise que abalou o sistema capitalista em 1929, afetaram profundamente os países da América Latina, e, portanto a Argentina, influenciando suas opções de crescimento. Como marco da política internacional, o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, assinalou o declínio da Grã-Bretanha como principal potência hegemônica no sistema ocidental marcando, concomitantemente, a ascensão dos Estados Unidos para

esta posição. Os Estados Unidos saíram da Primeira Guerra como a nação mais favorecida, passando da posição de potência regional para mundial. Uma decorrência natural dessa nova posição foi o aumento de sua influência nos países da América Latina, e conseqüentemente na Argentina, começando um movimento que se denominou de "expansão da influência do dólar na área tradicional da libra".

A Argentina, principal país exportador de produtos alimentícios, com seu desempenho sempre ligado ao aspecto externo — mão-de-obra, capital e mercado externo — teve de buscar novas alternativas. Na década de 1920, quando as condições externas se modificaram, pondo fim à entrada de imigrantes e de capitais estrangeiros no País, a Argentina ainda era uma sociedade mista e complexa, com regiões modernas coexistindo com outras superatrasadas, e já mostrando sinais de saturação em relação a sua capacidade de absorver recursos externos, embora com muita dificuldade de encontrar novos caminhos para substituir a economia primário exportadora.

O processo de industrialização substitutivo de importações foi iniciado na Argentina a partir dos anos trinta do século XX, através de políticas de proteção do mercado interno ao mesmo tempo que a grande maioria dos países da América Latina. Esta nova trajetória do País foi novamente marcada por períodos de crescimento com auges e declínios.

## Referências bibliográficas

- Bulmer-Thomas, Victor. *La Historia Económica de América Latina desde la Independência*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- Bunge, A. E. *Una Nueva Argentina*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones Argentinas, 1948.
- Cortés Conde, R. *La Economía Argentina en el Largo Plazo (siglos XIX y XX)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana/Universidad de San Andrés, 1997,
- \_\_\_\_\_; Harriague, M. *Estimaciones del Produto Bruto Interno de la Argentina, 1875-1935*. Buenos Aires: Universidad de San Andrés, Octubre 1994. (*Documento de Trabajo*, 3).
- Di Tella, G.; Zymelman, M. *Las Etapas del Desarrollo Económico Argentino*. Buenos Aires: Eudeba, 1967.
- Díaz Alejandro, C. F. La desaceleración del crecimiento entre 1914 y 1929: ¿una demora? In Zapiola, M. G. *El Régimen Oligárquico. Materiales para el estudio de la realidad argentina (hasta 1930)*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1975.
- \_\_\_\_\_. La economía Argentina durante el período 1880-1913. In Ferrari, Gustavo;

- Gallo, Ezequiel (copiladores). *La Argentina del Ochenta al Centenario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980.
- Díaz Alejandro, C. F. *Essays on the Economic History of the Argentine Republic*. New Haven: Yale University Press, 1970.
- \_\_\_\_\_. Delinking North and South: Unshacked or Unhinged? In Fishlow, Albert et al., eds, *Rich and Poor Nations in the World Economy*. New York: McGraw Hill Book Company, 1978, pp. 87-160.
- Ferrer, A. *La Economía Argentina; las etapas de su desarrollo y problemas actuales*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- Lenz, Maria Heloísa. Auge e início do declínio da economia Argentina. *Análise Econômica*, ano 18, n. 33, março de 2000.
- \_\_\_\_\_. *Crescimento Econômico e Crise na Argentina de 1870 a 1930: a Belle Époque*. Porto Alegre. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- Lewis, Colin. Del crecimiento al retraso económico: una revisión de los recientes debates sobre la historia económica y social argentina. *Ciclos en la Historia, la Economía e la Sociedad*, ano 9, n. 18, 2 semestre de 1999.
- Nakamura, Leonard I.; Zarazaga, Carlos E.J. *Economic Growth in Argentina in the Period 1900-30: some evidence from stock returns*. Federal Reserve Bank of Dallas, 1996.
- Rapoport, M. Et al. *Historia Económica, Política y Social de la Argentina (1880-2000)*. Buenos Aires: Ediciones Macchi, 2000.
- Rock, David. Argentina in 1914: The Pampas, the Interior, Buenos Aires. In: Bethell, Leslie. *Argentina Since Independence*. Cambridge University Press, 1993.
- Scobie, J. *Revolution on the Pampas: a social history of Argentine wheat*, Austin, Texas, 1964.
- Taylor, Alan. *Three Phases of Argentine Economic Growth*. National Bureau of Economic Research. Cambridge, 1994. (Historical Paper, 60). Mimeografado.
- Thorp, Rosemary. *Progresso, Pobreza e Exclusão. Uma história econômica da América Latina no século XX*. Washington: Banco Interamericano de Desenvolvimento/União Européia, 2000.
- Treber, Salvador. *La Economía Argentina; Análisis, diagnóstico y alternativas*. Buenos Aires: Macchi, 1977.